



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**SUBÚRBIOS E SUBURBANOS DE BELO HORIZONTE E DO RIO DE
JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: DA IDENTIFICAÇÃO À
NEGAÇÃO**

Luciana Verônica Silva Moreira*

Os processos de transformações urbanas vivenciados no início do século XX pelas capitais Belo Horizonte e Rio de Janeiro impactaram diretamente a vida do habitante da cidade que como Baudelaire na Paris de Haussmann procuravam se relacionar com a nova modernidade imposta. No poema *Perda da Auréola*, Baudelaire nos diz muito sobre seu posicionamento nesta sociedade. O poeta, no entanto, só consegue fazer levar ao seu leitor toda a ambiguidade da moderna cidade porque transita por ela, é frequentador de belos lugares, mas também faz incursões ao submundo dos habitantes de Paris.

A leitura de cidade efetuada por Michel de Certeau entende que, assim como Baudelaire, o habitante relaciona-se com a ordem construída e planejada e elabora um sentido a partir de suas práticas. Ao explorar a cidade enquanto lugar de vivência e apropriação humana, Certeau¹ possui uma visão da cidade que concebe o espaço urbano como local de ocupação e residência, mas principalmente, local em que as pessoas transitam, circulam, estabelecendo laços de sentido e referência.

* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista produtividade CNPq.

¹ De CERTEAU, M. *Práticas de Espaço*. In: *A Invenção do Cotidiano*. *op. cit.*

Segundo Angel Rama, o que aconteceu em Paris de 1850 a 1870, sob o impulso do barão de Haussmann, e fez Baudelaire dizer que a forma de uma cidade mudava mais rapidamente que o coração de um mortal, viveu-se no final do século e no início do século XX em muitas cidades latino-americanas. A cidade física transformava-se ou dissolvia e seu tráfico de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, as mutações que os novos costumes introduziam, tudo contribuiu para a instabilidade, a perda do passado e a conquista do futuro.² Uma ordem física e simbólica começava a se formar na cidade ordenada, onde a presença letrada era rarefeita e constituía elemento de poder e distinção social, substituída posteriormente pela cidade letrada que se presta a iniciar a expansão e a ‘democratização’ das letras. A opção por essa abordagem metodológica neste trabalho entende que a escrita, a linguagem e a leitura articulam o produtor do discurso e seu receptor no contexto histórico estudado permitindo a percepção das representações em disputa. Saber quem fala, de onde fala e quais símbolos utiliza nesta comunicação torna-se fundamental para situar os relatos encontrados nas crônicas e nos jornais utilizados neste estudo. Desta forma, com base nos escritos de cronistas e literatos que escreveram sobre o viver e o morar nos subúrbios de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, no início do século XX, pretende-se verificar as aproximações entre literatura e história para o entendimento das percepções sobre esses lugares.

RIO DE JANEIRO

Segundo Angel Rama, a cidade latino-americana é resultado do sonho de ordem gestado durante o início da modernidade ocidental, que encontrou nas terras do Novo Mundo o lugar propício para sua concretização. Dentro desta perspectiva surgiram cidades na imensidão americana regidas por um ordenamento que também revelaria uma hierarquia social, distributiva e geométrica. Para garantir e conservar a ordem projetada, as instituições seriam os instrumentos privilegiados e obrigatórios.³

Historicamente, haveria um grupo social, dentro dessas instituições, especializados na garantia da missão civilizadora das cidades: os letrados. Estes constituiriam uma cidade de letrados, cuja ação baseava-se no poder dos signos. Segundo

² RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 96-97.

³ Idem, p. 36-39

essa perspectiva, no centro de toda a cidade houve uma cidade letrada associada, quase sempre, ao poder.⁴

O crescimento das cidades latino-americanas identificado, sobretudo, a partir de 1870 impactou diretamente a cidade do Rio de Janeiro que passou a vivenciar inúmeras transformações em seu espaço urbano e também suburbano. O incremento demográfico e a crise de habitações, agravada pela ausência de solo edificável nas áreas centrais, provocou transformações no perfil de ocupação urbana da cidade.

A caminhada em direção aos subúrbios da zona norte teve início no século XIX, inicialmente com a edificação de chalés e casas de campo ou veraneio. Ainda essencialmente rurais essas regiões atraíam pessoas das classes médias e altas que possuíam poder de locomoção pela cidade, para temporadas e finais de semana. Com a construção da estrada de ferro Dom Pedro II em meados do século, tal movimento se intensificou. Vários empreendedores lotearam terrenos ao longo da linha férrea e companhias de carris urbanos passaram a oferecer seus serviços a essas localidades. O processo de urbanização e saneamento de áreas ao longo das estradas de ferro em direção à zona norte contribuiu para o alargamento do espaço geográfico da cidade.

Entre 1902 e 1922, o carioca Lima Barreto morou nos subúrbios. Neste período que corresponde a toda a sua trajetória como escritor, dedicou romances, contos e diversas crônicas a questões do universo suburbano. O literato negro constituiu por meio de sua obra um amplo painel da sociedade carioca, jamais abdicando do que, a seu ver, era a função maior da literatura: intervir nas questões de seu tempo. Flagrou como poucos um Rio de Janeiro em fervilhante processo de fazer-se metrópole, numa era de reformas.

Em *Clara dos Anjos*, escrito em 1922, ano de morte do autor e só publicado postumamente em 1948, revela diversas impressões do autor:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. [...] Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Toda essa população pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. [...] A gente pobre é difícil de se suportar

⁴ Idem, p. 83-88

mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres.⁵

Pelos dados do recenseamento de 1906, a composição social da região suburbana era bastante heterogênea. Essa característica pode ser entendida como parte de um processo de mudança que resultaria em uma migração das classes mais bem aquinhoadas dos subúrbios para as áreas litorâneas da zona sul e em progressiva ocupação da periferia urbana por trabalhadores de menor poder aquisitivo. No entanto nos dez primeiros anos do século XX ainda é possível falar em um subúrbio com predominância de letrados e ocupações que variavam de funcionários públicos e militares de baixa e média patente a profissionais liberais e prestadores de serviços. Lima Barreto, em “Esta minha letra”, chega até a mencionar a existência de uma “aristocracia suburbana”:

Contudo, não é possível tomar os escritos de Lima Barreto como a fiel descrição do subúrbio, tendo em vista ser suas narrativas sempre controversas, revelando mais conflitos e distanciamento do que propriamente proximidade. Ao fazer de sua produção literária uma forma intervenção urbana, Barreto fornece aspectos de sua própria experiência, a qual interfere significativamente na forma como ele vê o mundo ao seu redor. Desta forma, não é possível reduzir os subúrbios ao que diz Lima Barreto, assim como para compreender o subúrbio torna-se imprescindível a leitura das crônicas, romance e textos do autor. Nesse sentido, a escrita literária, como processo de interpretação e de intervenção no presente, é vista aqui como uma prática social, que constitui e institui a realidade.

O jornal *O Progresso Suburbano*, que circulou em Madureira nesse período, possuía uma seção intitulada “A vida nos subúrbios”, que retratava principalmente os desafios presentes no cotidiano da região, como no trecho a seguir:

Rápido e bem rápido tem sido há uns anos para cá o desenvolvimento dos subúrbios. A população da zona suburbana tem crescido de uma maneira extraordinária; o comércio tem se espalhado e desenvolvido consideravelmente levando a vida e a animação em todo lugar onde tem penetrado.

Vê-se por toda a parte, como que a vida querendo surgir forte e vigorosa; mas ao mesmo tempo vê-se tolhida por grandes empecilhos, verdadeiras barreiras invencíveis que não a deixam prosseguir, tudo devido à falta de melhoramentos locais.

⁵ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 1a ed. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2012. p. 72

[...]

As estradas são péssimas [...] Ainda não é tudo: a população e o comércio suburbanos que também largamente concorrem para os cofres municipais, sofrem grandes dificuldades por falta de meios de transporte e condução.⁶

Essa situação também refletia-se nas páginas do jornal *O Subúrbio*, que circulou no Méier entre 1907 e 1909 e possuía uma coluna fixa denominada *Falam as ruas*, trazendo descrições romantizadas, porém, realistas sobre as ruas do subúrbio além das denúncias e pedidos de melhoramentos. No período analisado foram registradas mais de 25 veiculações de matérias, notícias, cartas e textos que exploraram este universo precário do subúrbio em relação à sua infraestrutura urbano viária. Algumas eram claramente direcionadas à governança municipal solicitando providências, outras tinham como alvo as empresas prestadoras de serviços. Aparece em alguns trechos a noção que o jornal possuía sobre a responsabilidade na execução dos serviços reclamados, como no trecho a seguir:

Chamamos a atenção do Sr Prefeito para o deplorável estado de conservação da maioria das ruas desta vasta zona. A rua 24 de maio uma das principais, é pessimamente calçada sendo que, em dias secos, a velocidade dos bondes elétricos levantam um mar de pó, que, se não asfixia os que neles viajam, incomodam sobremodo. [...] ⁷

Nesta e em outras situações apresentadas nas páginas do jornal, existe um tom de denúncia e de cobrança que permite enxergar o jornal como mecanismo de pressão para o atendimento de demandas. As notas de agradecimento endereçadas ao Conselho Municipal ou ao executivo municipal, apesar de não serem publicadas com frequência indicam que o uso do jornal como força política surtia algum efeito. Acredita-se que o jornal funcionava como um elemento que reforçava os pedidos realizados à municipalidade na forma de ofícios, uma vez que havia esta possibilidade de encaminhamento de pedidos e reclamações. Desta forma, é possível identificar a forma como o morador da cidade concebia seus direitos e suas relações com o poder local. Além de conhecer melhor a realidade dos subúrbios, seu cotidiano, suas deficiências, suas manifestações. O trecho a seguir, publicado no jornal ilustra muito bem esta situação.

⁶ Progresso Suburbano, Ano I, n. 1, 2 mar. 1902; Progresso Suburbano, Ano I, n. 2, 16 mar. 1902;

⁷ *O Subúrbio*, Ano I, n. 6, 10 ago. 1907, p. 1.

“Variações - A cidade tem tudo e os subúrbios... nada! (...) A cidade não pode ter tudo, nós precisamos ter também alguma coisa, porque para isso, os subúrbios pagam todos os tributos exigidos. Não é um favor, é um direito e O Subúrbio reclamando isso para as zonas que defende, espera que o Zeloso chefe da segurança pública do Distrito Federal não deixará passar em julgado essas nossas ligeiras e rápidas observações. (...)”⁸

Mesmo em meio a inúmeras precariedades urbanas é notória, não só na imprensa local, mas também como nas revistas *Fon Fon* e *Revista da Semana*, a eminente modernidade dos subúrbios. Apesar de capitaneada por uma certa aristocracia local, a modernidade suburbana demonstrava-se bastante concreta e abrangente. Os membros do jornal *O Subúrbio* empenharam-se em reproduzir nas áreas suburbanas práticas e costumes mais modernos entre os moradores, incentivando concursos literários, concursos de beleza, torneios esportivos e organizando momentos cívicos. O intuito, ao promover este tipo de comemoração cívica foi justificado em função do grande apreço e amor que tributavam ao local onde possuíam família e bens além de "poder-se fazer algo que proporcionasse à família suburbana a ocasião de mostrar que não se olvida as datas preciosas e queridas e que são a glória de todos nós".⁹

BELO HORIZONTE

A cidade de Belo Horizonte, localizada no centro do estado de Minas Gerais, foi projetada ao final do século XIX e inaugurada oficialmente a 12 de dezembro de 1897. Começou a ser construída em 1895¹⁰ como alternativa à cidade de Ouro Preto, que assumiu a proeminência do estado enquanto principal centro minerador do país no século XVIII, mas que ao final do século XIX, já não atendia às demandas do novo contexto social e econômico.

A Nova República proclamada em 1889 encontrou na construção da Nova Capital de Minas Gerais uma forma de materializar o lema de ordenamento e progresso. Tais conceitos estavam intrinsecamente ligados e bastante visíveis no projeto executado, refletindo as ambições da República positivista que almejava a tão sonhada modernidade.

⁸ *O Subúrbio*, Ano II, n. 54, 08 ago. 1908, p. 1.

⁹ *O Subúrbio*. Rio de Janeiro. Ano II, n. 41, p. 1, 09 mai. 1908.

¹⁰ Data de aprovação da planta definitiva da Nova Capital pelo Decreto n° 817 de 15 de abril de 1895.

Idealizado pelo engenheiro Aarão Reis e projetado sob a coordenação da Comissão Construtora da Nova Capital o novo centro urbano começou a ser construído em 1895 e em poucos anos, apresentando apenas os principais prédios e poucas avenidas realmente concluídas, foi oficialmente inaugurado com a transferência do governo. No entanto, a execução do restante da planta prevista para a cidade ainda se arrastaria por boa parte do século XX o que ocasionou significativas alterações no projeto original. Outro problema acarretado pela morosidade das obras foi evidenciado pela condição precária de boa parte das ruas e avenidas da cidade que se apresentavam sem calçamento, fazendo com que a cidade ficasse conhecida pela poeira que lhe era característica.

Em 1901 Arthur Azevedo, dramaturgo, poeta, contista e jornalista, publicou no jornal “O Paiz” uma série de artigos contendo suas impressões sobre no Estado de Minas Gerais e particularmente sobre a nova capital, Belo Horizonte, onde esteve a passeio por alguns dias. Arthur Azevedo residia no Rio de Janeiro e foi à Minas através de um convite do Coronel Alfredo Vicente Martins, a quem estava confiado o comando da Brigada Policial de Minas Gerais. Segundo o autor, o convite ia de encontro ao desejo de conhecer a moderna capital “erguida como por encanto num obscuro arraial, que não figura em nenhum passo da história de Minas.”¹¹ Azevedo, deixa seu interessante depoimento sobre a destruição do arraial de Curral d'El Rei:

"Ao meu espírito, ao meu temperamento de "touriste", faltava alguma coisa; a vetustez. Era novo, novinho em folha, tudo quanto eu via; as ruas, as casas, os próprios habitantes, pois é raro encontrar-se ali pessoas velhas.(...)

- "Que diabo! façam-me ver alguma coisa velha!" Disse aos obsequiosos cicerones.

- Pois bem, vamos fazer-lhe a vontade mostrando a velha matriz da freguesia do Curral d'El Rei. E, é contentar-se com isso; não temos nada mais velho! (...) Foi pena que destruissem tudo quanto era o antigo Curral d'El Rei e não ficasse ali um bairro, uma rua, um alpendre do velho arraial, que lembrasse, embora incompletamente, a fisionomia do passado.¹²

A Cidade de Minas, primeiro nome de Belo Horizonte, contava na época de sua inauguração com cerca de 12.000 habitantes, desde funcionários públicos, comerciantes, operários que trabalhavam em sua construção e alguns antigos moradores do arraial, estes

¹¹ REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1982, Vol. 33, p. 182 / pp. 179-211)

¹² AZEVEDO, Artur. *Um Passeio a Minas* – VI. Minas Gerais, Belo Horizonte, 11 dez. 1901. p. 30

concentrados em áreas suburbanas. As ruas largas e o vazio constante da cidade causavam estranhamento em que chegava de fora tanto para estabelecer residência quanto para visitá-la, como lemos nas palavras de Tristão de Ataíde: ¹³

As casas perdidas nas ruas. O silêncio. Bondes. Lá um na vida, outro na morte. (...) Os grandes colégios e as ruas vazias, pelas quais passava, ainda, o eco de Nabuco a perguntar a João Pinheiro, quase chegando ao Palácio da Liberdade: Quando começa a cidade? ¹⁴

Belo Horizonte nesse período recebia muitos visitantes, jornalistas, escritores, representantes de governos, enviados de outros estados curiosos para conhecer a nova cidade da nova República. Monteiro Lobato, também visitara a cidade em seus primeiros tempos e não deixou de notar a “escassez de gente pelas ruas larguíssimas, a cidade semiconstruída, quase que apenas desenhada a tijolo, no chão, um prédio aqui outro lá, tudo semi-feito – e a tudo envolver um pó finíssimo e finissimamente irritante [...]”¹⁵. O cronista João do Curral também escreveria sua impressão no jornal Diário de Minas lembrando o antigo apelido da promissora Belo Horizonte: Poeirópolis!¹⁶

Nos seus princípios a população existente não era suficiente para preencher o vazio espacial existente na cidade, o que tornava o caso de Belo Horizonte, *sui generis*, uma vez que os principais formadores e consumidores do espaço urbano, seus habitantes, eram escassos e estavam espalhados pela capital, dando a impressão de uma cidade vazia. Segundo o Anuário de Minas, em 1900 a população recenseada para o município foi de 15.000 habitantes ao passo que em princípios de 1905 era de 17.615, existindo 3.213 prédios construídos.¹⁷

Ao analisar os jornais *Diário de Minas* e *O Estado* em circulação na cidade de Belo Horizonte e o jornal *A Floresta*, que era editado no bairro homônimo da capital

¹³ Alceu Amoroso Lima, escritor e pensador brasileiro que viveu no Rio de Janeiro no início do século XX adotou o pseudônimo de Tristão de Athayde, com o qual escreveu diversos textos em jornais do período.

¹⁴ ATAÍDE, Tristão de. Belo Horizonte, cidade morta. In: ARAÚJO, Laís Correa de, (Org). *Sedução do horizonte*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

¹⁵ JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Belo Horizonte, UFMG/FAFICH/DCP, 1996. p.62-63

¹⁶ MAGALHÃES, Beatriz de Almeida. *Belo Horizonte, um espaço para a república*. 1989. Belo Horizonte, Ed. UFMG. P. 85.

¹⁷ SENNA, Nelson C. de. *Anuário de Minas Gerais*. Vol. 2. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1907.

mineira localizado no subúrbio, foi possível perceber a quase inexistência de reclamações de leitores sobre os aspectos da cidade. Quando a reclamação acontecia, a nota ou matéria ressaltava o empenho dos administradores em resolver o problema apresentado, adotando um tom de certo conformismo em relação às condições de urbanização da cidade. O jornal *Diário da Tarde* de 1910 apresentou, dentre todas as edições pesquisadas, apenas uma reclamação, referente ao descaso da prefeitura com a higiene no centro urbano¹⁸ e o jornal *O Estado* de agosto de 1911 reclama da quantidade de pó que se encontrava na Rua Pernambuco até a Rua Rio Grande do Norte, todas situadas dentro da área urbana.¹⁹

O editor do jornal *A Floresta* de 20 de dezembro de 1914 informava que em conversa com o engenheiro responsável pela Diretoria de Obras Públicas da Prefeitura, este lhe informou que devido à crise, somente os serviços de movimento de terras e pedras puderam ser realizados, mas esperava, em breve, poder iniciar os serviços necessários na Avenida Afonso Pena e na Rua Pouso Alegre, a principal do bairro Floresta.²⁰ No texto do editorial de seu primeiro número o jornal se propõe a defender

“a causa dos operários e dos pequenos com sua modesta, porém sincera palavra [...] pugnar em prol das justas causas que disserem respeito aos reclamos dos desprotegidos, concorrer para o engrandecimento do bairro que toma o nome, ‘A Floresta’ afirma nunca desviar-se deste caminho traçado. Tal o escopo d’A Floresta que pode se orgulhar de ser o primeiro órgão de publicidade que aparece no periodismo suburbano da capital mineira”.²¹

Os moradores, mais do que os visitantes, pareciam comprar a ideia do projeto da cidade e apostavam em seu futuro, assim como foi possível perceber nos relatórios dos prefeitos. A cidade-promessa, ainda não concretizada e o antigo Curral ainda evidente, permitem entender a construção da cidade de Belo Horizonte como um ambiente de conflitos e contradições. Uma construção que, apesar parecer rápida, visto sua inauguração ter se dado apenas três anos após do início das obras, teria sido concluída apenas em meados dos anos 1930, ainda assim, longe de ter concretizado integralmente o sonho de seus idealizadores.

¹⁸ *Diário da Tarde*, Ano I, n. 37, 1910.

¹⁹ *O Estado*, Ano I, n. 09, 1911.

²⁰ *A Floresta*, Ano I, n. 03, 1914.

²¹ *A Floresta*, Ano I, n. 1, 15 de nov. 1914.

A ocupação da zona urbana de Belo Horizonte ocorreu a passos lentos, tendo em vista os frequentes relatos sobre o vazio ocupacional da cidade, já a região suburbana, delimitada pela comissão construtora como aquela compreendida no perímetro da Avenida do Contorno, seria povoada de maneira mais rápida. Mas estes bairros e localidades não seriam constituídos somente de casas simples e vilas e seus moradores não seriam apenas operários e pessoas de baixa renda. As chácaras e os membros das classes médias e altas também escolheriam as regiões suburbanas como local de moradia. Segundo Tito Flávio de Aguiar²² altos funcionários e membros da elite teriam as seções suburbanas como endereço. Isso porque, inicialmente, seguindo a concepção da comissão construtora, foram construídas casas em grandes lotes, formando chácaras e em um processo de ocupação posterior, operários, pequenos comerciantes e funcionários públicos começaram a povoar os subúrbios principalmente em casas de lotes menores e individuais, casas de vilas e de aluguel.

Na década de 20 a cidade crescia e a região Oeste era a que mais se expandia. O bairro Calafate, conjuntamente com o bairro Carlos Prates era classificado pelo prefeito Flávio Fernandes dos Santos como o que mais prometia em termos de desenvolvimento. O jornal *O Calafate* era produzido no bairro homônimo pelo “Diretório Político do Calafate”, era semanal e teve efêmera duração. Tinha como redatores Leopoldo Rodrigues Alves, João Ferreira de Moraes e Dr. Waldomiro Machado, declarando-se abertamente como jornal partidário e favorável aos candidatos Artur Bernardes e Raul Soares. Em seu primeiro editorial declarou

De há muito que se ressentia da falta de um jornal que, por mais modesto, fosse o interprete desta população e o arauto em prol dos interesses deste subúrbio [...] Estará ao lado da sacrossanta causa dos operários, todas as vezes que os seus serviços forem reclamados [...] E para terminar este periódico resumirá seu programa no seguinte lema: Trabalhar e lutar pelos melhoramentos do bairro do Calafate e pelos interesses de sua população”.²³

O Diretório Político do Calafate foi responsável pela mobilização em torno das necessárias melhorias para o bairro, principalmente em relação aos transportes. Segundo o jornal, diversos operários daquele subúrbio e do Barro Preto assinaram um pedido a fim de solicitar providências da Companhia de Eletricidade com vistas a regularizar o

²² AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues. **Vastos Subúrbios da Nova Capital: Op. Cit.**

²³ *O Calafate*, Ano I, n. 1, 5 de fev. 1922)

transporte de bondes. Os bondes à disposição do bairro não estavam sendo suficientes para transportar a crescente população aqueles que tinham o Calafate como local de trabalho ou moradia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de formação dos subúrbios ocorreram de formas diferentes nas cidades analisadas. Enquanto no Rio de Janeiro as áreas suburbanas foram ocupadas obedecendo, inicialmente, ao traçado das estradas de ferro, em Belo Horizonte, essa ocupação se deu, inicialmente, segundo os planejamentos da comissão responsável pela construção da cidade, que delimitou na planta da cidade as áreas que seriam destinadas a este fim. Contudo, guardam também algumas semelhanças como o predomínio da iniciativa privada para a demarcação e venda dos lotes e imóveis, a deficitária fiscalização dos arruamentos e construções e as deficiências de infraestrutura urbana simbolizadas pelos problemas de transporte e calçamento, entre outros. Diante dessas aproximações e distanciamentos, a intenção deste trabalho foi destacar a percepção do morador ou visitante que vivenciou esse processo através dos relatos deixados nas crônicas ou jornais em circulação.

Em virtude do tempo e do tipo de ocupação ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, pode-se dizer que a identificação de quais bairros e regiões pertenciam ao subúrbio era tarefa fácil. Da mesma maneira, o reconhecimento e o sentimento de pertencimento entre os moradores se deu de forma mais natural, por isso, era muito comum o uso do adjetivo suburbano para designar tanto os moradores quanto os lugares. No período analisado, o contexto de reformas urbanas e embelezamento da cidade, proporcionou interessantes indagações e comparações em torno dos processos de urbanização identificados para o centro e para as regiões suburbanas. Nas crônicas e matérias de jornal os relatos sobre a precariedade dos serviços urbanos disponibilizados aos suburbanos eram presença constante, reforçados por um questionamento em torno dos direitos dos moradores enquanto pagadores de impostos. Por meio dos jornais suburbanos foi possível perceber que o desejo de desenvolvimento social e econômico daquelas regiões era algo pelo qual os moradores lutavam, sem esconder certo orgulho de pertencer àquele local onde, geralmente, possuíam família.

A formação dos subúrbios para o caso de Belo Horizonte ocorreu de forma mais fragmentada, ao redor da área central esquadrihada pela comissão construtora e circundada pela Avenida do Contorno. Não formou, como no caso do Rio de Janeiro, uma região uniforme reconhecida e denominada como suburbana pelos veículos da imprensa ou cronistas. O mais usual era tratar determinado local como um bairro pertencente ao subúrbio da capital. Isso porque algumas regiões suburbanas cresceram consideravelmente em torno de bairros específicos, já outras regiões reproduziram o vazio populacional dos primeiros anos da capital. Alguns jornais utilizaram a denominação para se referirem ao local, contudo, o uso para qualificar pessoas não foi muito encontrado. Além disso, com o crescimento da cidade, muitas áreas antes pertencentes ao que foi delimitado na planta da cidade para ser a região suburbana, acabaram não adotando o uso do adjetivo, sendo mais comum o uso dos termos localidade, bairro ou bairro do subúrbio, de forma bem menos abrangente como era o caso do Rio de Janeiro. O estágio de urbanização da cidade de Belo Horizonte também contribuiu para esse quadro, pois se para o carioca as diferenças de urbanização entre o subúrbio e as regiões centrais eram extremamente perceptíveis, para o mineiro elas não eram tão evidentes. Durante pelo menos os trinta primeiros anos da capital, poucas eram as ruas calçadas nas regiões centrais e o transporte também não era eficiente. Desta forma, a situação dos bairros do subúrbio não era tão destoante em relação aos bairros centrais e é possível que essa situação tenha contribuído para que as comparações não fossem tão sistemáticas, ocasionando mais aproximações do que distanciamentos entre os moradores e visitantes das diferentes regiões da cidade.

Esse exercício de comparação identificou, para o período, fortes culturas suburbanas em ambas as cidades, apesar das diferentes formas de ocupação, composição e crescimento dos seus subúrbios. O desejo entre os moradores de conquistar melhorias urbanas para o lugar em que residiam e possuíam família une os discursos, assim como as críticas em torno dos deficientes serviços e infraestrutura urbana. A diferença reside, contudo, na forma como as demandas eram encaminhadas, na pressão exercida pelo seu atendimento e nas críticas à administração pública. Enquanto no Rio de Janeiro a população suburbana se mostrava extremamente descontente com as diferenças de tratamento em relação ao centro da cidade, em Belo Horizonte o tom compreensivo e a crença em um futuro promissor amenizavam as críticas e as cobranças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues. **Vastos Subúrbios da Nova Capital**: Formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, pp. 253-278.

ATAÍDE, Tristão de. Belo Horizonte, cidade morta. In: ARAÚJO, Laís Correa de, (Org). **Sedução do horizonte**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

AZEVEDO, Artur. **Um Passeio a Minas – VI**. Minas Gerais, Belo Horizonte, 11 dez. 1901. p. 30

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 1a ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 72

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, V. III).

De CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Belo Horizonte, UFMG/FAFICH/DCP, 1996. p.62-63

LÉFÈBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Brasil: Editora Paz e Terra S.A., 1969 [1962].

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGALHÃES, Beatriz de Almeida. **Belo Horizonte**, um espaço para a república. 1989. Belo Horizonte, Ed. UFMG. P. 85.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1982, Vol. 33.

SCOBIE, James. [El crecimiento de las ciudades latino americanas, 1870-1930](#). In Leslie Bethell, *História de América Latina*, Tomo 7. Barcelona: Editora Crítica, 1991.

SCWARCZ, Lilia Moritz (Org). **Lima Barreto**. Contos completos. São Paulo, Companhia das Letras, 2010. p. 551.

SENNA, Nelson C. de. **Anuário de Minas Gerais**. Vol. 2. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1907.